

## **O *modus vivendi* do Castro do Zambujal**



A subsistência dos habitantes do Castro do Zambujal baseava-se fundamentalmente no cultivo de plantas e na domesticação de animais, desconhecendo-se, porém, o grau de envolvimento dos seus habitantes na produção agrícola. Alguns instrumentos de tipo 'elemento de foice' permitem-nos, porém, inferir que os cereais colhidos no Castro foram ceifados por pessoas que viviam fora das áreas escavadas.

Os terrenos no vale do Sizandro deverão ter sido, nos tempos primitivos, muito alagadiços, assim como os solos acima do povoado eram pouco profundos e férteis. Uma característica que poderá, no entanto, ser recente, devida à erosão pós-calcolítica dos primitivos solos de floresta, que deverão ter coberto estas áreas no início do Holoceno (c. de 10 000 a.C.). Se é impossível termos a certeza se ainda seriam florestados durante o tempo de ocupação do Castro, certo é que os vestígios de fauna selvagem encontrados nas diversas

campanhas de escavação no povoado contêm vários elementos que se restringem, actualmente, a regiões de montanha florestada na Península Ibérica.

Não podendo recusar um certo potencial agrícola dos terrenos em declive acima do Zambujal, a área circundante do povoado não pode ser considerada excelente para a prática da agricultura. E se a produção de cereais constituísse a base económica da população que edificou o castro, ela não o teria construído nesse local, podendo-se inferir que o potencial agrícola local não deverá ter sido relevante para o desenvolvimento do povoado, nem tampouco para a localização da fortificação como para defesa dos excedentes agrícolas.

No que diz respeito ao sector animal da economia de subsistência do castro, encontramos um elevado número de vestígios ósseos de porco, indício de um uso extensivo das florestas de carvalho, que deverão ter coberto grandes áreas na Estremadura, durante o Calcolítico. Florestas que terão sido utilizadas igualmente para a criação de gado bovino, este o recurso mais importante, ao nível da carne, no povoado fortificado do Zambujal. O gado ovino e caprino terá desempenhado um papel menos relevante na alimentação, conhecendo-se, todavia, a sua utilização na produção de leite e, no caso das ovelhas, também para obtenção de lã.

Não dispomos de dados, nomeadamente patologias específicas nos esqueletos do gado, que nos permitam relacionar a sua utilização para o trabalho. De qualquer modo, a análise da idade dos animais, a partir dos vestígios ósseos encontrados, aponta para uma predominância da produção directa de carne.

Entre os diversos vestígios exumados, encontram-se igualmente esqueletos de cavalo, desconhecendo-se, porém, se eram selvagens ou domésticos. Contudo, parece-nos mais verosímil que os cavalos não pertencessem à fauna selvagem da Estremadura no período Calcolítico, apesar de se conhecer a sua utilização para

transporte de mercadorias e de pessoas no Antigo Egipto e Mesopotâmia desde, pelo menos, cerca de 3 000 a.C.

A criação de gado, reflectida nos vestígios de fauna do castro poderia ter sido praticada em toda a Estremadura, pelo que também não deverá ter sido determinante na escolha do local de implantação do povoado, se exceptuarmos a pesca e a recolha de moluscos. Este um elemento preponderante se tivermos em conta que o Zambujal era um povoado costeiro, com um estuário que invadia a zona inferior do vale do Sizandro até à confluência com a ribeira de Pedrulhos, onde muito provavelmente se localizava um porto natural.

Os recursos minerais e, nomeadamente, o sílex, exumados no povoado Calcolítico do Zambujal, em grande parte provenientes da bacia de Runa, e de Matacães, também não terão sido determinantes para a escolha da localização do Castro do Zambujal. Parece-nos que a sua localização se deve mais, como defenderam Sangmeister e Schubart, a factores antropogeográficos do que às condições naturais, assumindo as considerações estratégicas um papel de relevo.

Alguns indícios apontam para o facto do comércio ter sido a fonte de riqueza do Zambujal, dada a sua localização próxima de um 'porto natural', sendo a *Monetaria moneta* do Oceano Índico, aí encontrada, um testemunho da escala de alcance geográfico das trocas externas do Calcolítico da Estremadura.

À indústria lítica associava-se a fundição de cobre, a tecelagem e a produção cerâmica. Pois a cerâmica campaniforme é, segundo Michael Kunst, o «elemento novo que se junta a uma cultura que persiste, como uma "moda" nova».

## **SAIBA MAIS**

KUNST, Michael, coord., *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica. Actas das I Jornadas*

*Arqueológicas de Torres Vedras (3-5 Abril 1987)*, Trabalhos de Arqueologia 7, Lisboa, IPAAR, 1995, pp. 17-53.